

# CONDIÇÕES DE TRABALHO E TRAJETÓRIA DOS AMBULANTES DO CENTRO DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

Marcos Antônio Soares Matos<sup>1</sup>

Beatriz Cristina Rocha<sup>2</sup>

Isis Roberta Amorim<sup>3</sup>

Jacqueline Silva Gomes<sup>4</sup>

Thalita Carla de Lima Melo<sup>5</sup>

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785  
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O trabalho informal foi construído pelas fortes influências que decorreram do processo de transição do feudalismo para o capitalismo. A partir desse processo de transformação os trabalhadores precisaram adequar-se as novas configurações que se instalaram nos modos de produção, desta forma, aqueles que não se adaptavam ao sistema sobravam. Surgem então a informalidade no trabalho como uma resposta ao desemprego, as más condições e competitividade de trabalho. Diante dos assuntos acerca desse tema, através do presente trabalho buscou-se conhecer discutir e investigar as condições e as trajetórias de trabalho dos ambulantes da cidade de Maceió/AL, para tanto na metodologia foi necessário três etapas: levantamento e revisão de literatura, visitas, conversações e observações assistemáticas com o intuito de se familiarizar com o contexto enfrentado pelos investigados e por fim desenvolvimento e elaboração do artigo. A investigação apresentou resultados bastante sucintos, pois foi verificado que a trajetória dos ambulantes na cidade de Maceió/AL deu-se principalmente por uma busca por autonomia profissional, falta de formação e capacitação profissional e competitividade no mercado de trabalho, muitos dos entrevistados relatam estar nessa condição não por opção, mas sim por necessidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Ambulantes, trabalho informal, trajetória, cidade de Maceió/AL.

## ABSTRACT

The informal work was built by the strong influences that arose from the feudalism of the transition to capitalism. From this transformation process workers had to adapt to the new settings that settled in the modes of production, thus those who did not fit the system left over. Arise then informality at work as a response to unemployment, poor competitiveness and work. Given the issues about this subject, the present work aimed to know, discuss and investigate the conditions and working trajectories of street in the city of Maceió / AL, for both the methodology was required three steps: survey and literature review, visits, talks and unsystematic observations in order to become familiar with the context faced by investigated and finally development and drafting of the article. The research presented results very brief because it was found that the trajectory of the street in the city of Maceió / AL gave mainly by a search for professional autonomy, lack of education and professional training and competitiveness in the labor market, many respondents report being this condition not by choice but by necessity.

## KEYWORDS

Street informal worker. Career. Maceió/AL.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das atividades mais antigas de que se tem conhecimento é o comércio informal, onde os comerciantes que não tinham condições de construir uma loja em uma estrutura adequada armavam suas barracas nas ruelas das cidades de onde passavam. Quando o feudalismo deu lugar ao capitalismo os modos de trabalho tiveram seus meios de produção modificados, assim surgiu um novo sistema no mundo, no qual as pessoas tinham mais liberdade e autonomia para o trabalho, porém essa ideia de "liberdade" veio acompanhada de incoerências, pois apenas aqueles que detinham um poder aquisitivo maior dominavam, assim houve uma minimização das chances dos menos favorecidos alcançarem verdadeiramente sua liberdade.

Para conseguir sobreviver essa classe de trabalhadores menos favorecida produziu e desenvolveu formas alternativas para suprir suas necessidades, submetendo-se então ao que se chama de subempregos o qual não se tem uma renda fixa. Um dessas formas alternativas de sobreviver ou adquirir uma renda extra para suas economias corresponde às vendas informais assumidas pelos camelôs, gente que carrega suas próprias mercadorias em malas, sacolas e/ou carrinho de mão agindo em vias públicas de grande movimento. Nos centros comerciais das grandes cidades é comum notar a presença de vários camelôs, desenvolvendo seus trabalhos, vendendo os mais variados tipos de produtos sejam eles artesanais e/ou industriais.

O trabalho dos camelôs sempre foi alvo de discussão, pois frequentemente ouve-se falar sobre a ilegalidade de seus produtos e a prática de ocupar de lugares proibidos. A problemática sobre tais assuntos parece antiga e atinge praticamente todas as grandes cidades, o que torna a discussão ainda mais relevante e real.

Devido à importância do tema proposto, a presente pesquisa tem o objetivo de investigar os trabalhos assumidos pelos camelôs do centro comercial da cidade de Maceió/AL, trazendo por meio de uma pesquisa de campo as principais problemáticas que estão envolvidas com esse tipo de trabalho. Para tal, estruturou-se essa investigação da seguinte forma: a seguir estará apresentada a fundamentação teórica que trará os principais constructos devidamente relacionados com o assunto, posteriormente uma metodologia detalhada seguida de análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa, e por fim considerações finais e referências utilizadas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E DEFINIÇÃO**

Tempos atrás o sistema feudal dominava os modos de produção, os senhores donos de terras ofereciam sustento às pessoas em troca de seus trabalhos. Exerciam poder sobre as terras, bem como, nas pessoas que nelas trabalharam.

No sistema feudal, por exemplo, a relação de posse não se restringia apenas às terras, mas se estendia até mesmo às próprias pessoas, não muito diferente da escravatura, onde o proprietário condenava os escravos como uma mercadoria de uso pessoal. (GUARESCHI, 2001, p. 143).

No final do século XIX o feudalismo deu lugar ao capitalismo, e os modos de produção passaram por uma reestruturação. O trabalho que era tido semelhante ao escravista foi combatido em favor da liberdade de trabalho. Outro grande marco na história foram as revoluções industriais, estas influenciaram fortemente todos os meios de produção, no geral as máquinas ocuparam parte de trabalho manual, contribuindo, assim, para uma instabilidade nos empregos. Com a real diminuição dos empregos pelo advento da industrialização, o mercado de trabalho passou a se tornar mais seletivo, concorrendo para uma acirrada disputa de vagas.

As pessoas que possuíam maior poder aquisitivo em geral passaram a dominar o mercado de trabalho, por possuírem subsídios para ampliarem seus empreendimentos, aquelas que por sua vez, não tinham boas condições de vida, encontraram uma forma de sobreviver, trabalhando para estes grandes proprietários.

O capitalismo, como foi dito anteriormente, surgiu para dominar o antigo feudalismo, pregando a liberdade dos trabalhadores; mas que tipo de liberdade é esta? Onde apenas os mais ricos dominam os mercados, restando aos menos favorecidos apenas a possibilidade de ser mais um de seus empregados. É o que Guareschi (2001) aponta como um profundo cinismo, pelo fato de que se proclama a liberdade das pessoas, mas ao mesmo tempo retiram delas qualquer chance de obterem uma terra ou algum outro meio de produzirem seu sustento.

Mediante a precariedade no mercado de trabalho algumas pessoas aderiram a novas formas de conquistarem o seu sustento e de suas famílias. Entre os termos emprego e desemprego, existe o que chamamos de subdesemprego, nesta classe de subdesemprego encontram-se, os trabalhadores que não possuem carteira assinada, renda mensal fixa e nem horário de trabalho definidos. Realizando-se por tanto, uma prática de trabalho do tipo informal.

Os trabalhadores informais se desenvolveram desde os tempos antigos, como descrevem os autores Roberto Santos e Amanda Santos (2014), segundo estes, no período colonial e imperial os mascates ofereciam suas mercadorias por onde circulavam já os ciganos negociavam objetos adquiridos de trocas. Havia também os pregoeiros que recitavam e contavam para venderem suas mercadorias. É a partir destes personagens que surgiram os vendedores ambulantes, por onde eles passam conquistam fregueses, o que demarca ainda mais sua permanência nesses locais.

Mas, quem são os vendedores ambulantes? São aquelas parcelas de trabalhadores que estão fora do mercado de trabalho formal, porém necessitam de recurso financeiro para suprir as necessidades básicas de suas famílias (COSTA; SONAGLIO, 2014).

O Ministério do Trabalho e do Emprego (MET) caracteriza os ambulantes como:

Trabalhadores que atuam em vias e logradouros públicos, a pé, carregando a própria mercadoria junto ao corpo, em sacadas, malas, bolsas ou carrinhos de mão. Trabalham sem vínculo empregatício, como autônomos, a céu aberto ou em veículos automotores ou de tração animal. Trabalham em horário diurno ou noturno, em pé, por longos períodos, sujeitos a exposição de ruídos, condições adversas de temperatura e material tóxico, que pode resultar em estresse. (MET, 2010 APUD COSTA; SONAGLIO 2014, p. 127).

Corroborando, com as opiniões de Costa e Sonaglio (2014) autores tratam a respeito de quem são os ambulantes. Faz-se necessário desmistificar a relação existente entre os termos "ambulante" e "camelô". Visto que ambulante é um termo empregado e associado àquelas pessoas que possuem o aval do governo para negociarem suas

mercadorias em diversos lugares estratégicos. Já o termo camelô foi intitulado por meio do senso comum, para designar os vendedores informais.

## 2.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS AMBULANTES E CONDIÇÕES DE TRABALHO

Inicialmente, a existência dos comércios em geral é conturbada e complexa. O sistema informal é promotor de desenvolvimento econômico e se concentra nas atividades marginais do próprio sistema.

Índices revelam que as taxas de desemprego na década de 90 apresentaram uma estabilização superior ao registrado na década anterior, estimando-se que houve certa acomodação do desemprego, sem que houvesse possibilidades de inserção ou reinserção dos trabalhadores no mercado. Dessa maneira, o desemprego passa a ser caracterizado como estrutural e não mais como cíclico. (FUENTES, 1997, p. 357).

A maioria dos camelôs/ambulantes não tem como objetivo trabalhar nas ruas, mas por causa do desemprego, do analfabetismo, da falta de informações, da escassez de oportunidades, fazem com que eles voltem para as ruas nas vendas de produtos informais. Para reverter a situação, teriam que ter oportunidades formais, fazendo com que vos compensassem financeiramente, para abandonarem as ruas. A grande maioria dos camelôs/ ambulantes tem escolarização incompleta e não possuem formação profissional ou carteira assinada compatíveis com as regalias do mercado de trabalho. Por isso, as oportunidades de saírem das ruas são de grande precariedade, pois são por meio de empregos de baixa remuneração e pouco qualificadas, ou quando eles pensam em montar um negócio próprio, um estabelecimento comercial.

A globalização do mercado mundial desde seus primórdios exige das pessoas competitividade, concebendo uma sociedade totalmente concorrente e individualizada, desta forma aquelas pessoas que não teve oportunidade de estudar e/ou adquirir alguma qualificação e mesmo as que possuem tudo isso estão expostas, graças à implementação do sistema totalitário mercantil, as exigências na maioria das vezes injustas desse mesmo sistema. Neste cenário somente um tipo de trabalhador pode participar dessa "servidão mercantil": São aqueles que se preparam por meio de qualificações e especializações para, em outras palavras, darem lucro e servirem de verdadeiras máquinas produtivas, assim os outros trabalhadores que sobram são descartados, desvalorizados e rejeitados.

Para Castel (1995) em seu livro intitulado *As metamorfoses da questão social* esses trabalhadores descartáveis são na verdade "sobrantes", ou seja, são aqueles que estão completamente abdicados dos esquemas de trabalho e/ou que são inutilizáveis

pela sociedade, com isso estão entre os sobrantes os camelôs, autônomos, moradores de rua e entre outras pessoas desassistidas de cidadania.

Inúmeras vezes pessoas com baixa escolaridade encontram no comércio de rua uma forma de se inserir no mercado de trabalho, outros também se tornam ambulantes a fim de aumentar sua renda para viver de maneira mais decente, já que muitos só chegam a ganhar no máximo um salário mínimo. Isso quando ganha algum tipo de remuneração.

O trabalho de camelô surge como uma possível alternativa de fonte de renda em períodos de crises econômicas, determinado tanto pela falta de perspectivas e baixos salários oferecidos pelo setor formal, ou mesmo informais [...]. (SALVITTI, 1999, p. 3).

As oportunidades oferecidas aos camelôs/ ambulantes pelos mercados informais e formais são elaboradas, na sua maioria, significativamente descartada a especificidade do serviço que pretende, pois tanto faz se será vendedora de roupas ou auxiliar de serviços sociais, contanto que der mais dinheiro, ótimo. No entanto, não é o serviço prestado que está como objetivo, mas como um meio de se conseguir sobreviver.

[...] A falta de registro em carteira gera dificuldade para a colocação no mercado formal, ao mesmo tempo em que a experiência registrada abre as portas para futuros empregos. Trata-se de um círculo vicioso que, de um lado, facilita a inserção daqueles que já se encontram dentro ou próximos da formalidade e, de outro, distancia ainda mais aqueles cuja colocação no mercado formal foi breve ou sequer aconteceu. (SALVITTI ET AL., 1995, p. 9).

A informalidade no trabalho dos camelôs/ambulantes mostra questões de extrema importância que possibilita avaliar o seu desempenho na economia local e a sua inserção na atualidade do mercado de trabalho. Embora ainda possua a proibição de menores de dezesseis anos no mercado de trabalho, a informalidade possui uma imensa quantidade de meninos e meninas que para sobreviver, possuir uma renda, são postos no mercado de trabalho informal, até mesmo antes de possuírem pelo menos seus dez anos de idade, abandonando assim, as escolas e perdendo sua infância para se tornarem o sustentador da família.

Os locais de trabalhos dos camelôs/ambulantes são nas praças, calçadas dos centros comerciais, sempre usufruindo dos locais públicos, carregando seus produtos nas costas, mochilas, carrinhos de mão etc.; trabalham sem carteira assinada, não têm horário e nem dias de trabalhos definidos; não possuem Equipamento de proteção individual (EPI); são expostos a condições adversas de temperatura; usam muitas vezes por materiais tóxicos, entorpecentes, agravando sérias complicações na saúde do indivíduo; sem amparo legal ou profissão reconhecida.

### 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo desenvolvida por seis alunos do curso de psicologia do Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Durante o período de três semanas foram realizadas três visitas que implicaram em observações e o levantamento de relatos de ambulantes, consumidores, fiscais e lojistas do centro comercial da cidade de Maceió/AL. Para tanto, antes, foi necessário fazer uma revisão bibliográfica em plataformas de dados científicos e sites jornalísticos acerca do assunto tratado, familiarizando-se com o tema, feito isso se selecionou os textos mais relevantes para desenvolver o mesmo.

Cada visita durou cerca de três horas, na primeira os pesquisadores dividiram-se em duplas a fim de encontrar pontos estratégicos que facilitassem o desenvolvimento da pesquisa. Na segunda visita buscou-se estabelecer uma relação empática com os pesquisados a fim de obter dos mesmos, informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa em consonância com a segunda visita. A terceira objetivou dar continuidade aos depoimentos.

Foram colhidas informações de quarenta e nove pessoas, sendo vinte ambulantes que comercializavam produtos industrializados e artesanais há mais de um ano; sete fiscais responsáveis pela fiscalização da entrada de ambulantes em locais proibidos; quinze consumidores e sete lojistas com estabelecimentos regularizados e que muitas vezes tinham sua entrada ocupada pelos ambulantes, estes desenvolviam seus trabalhos e atividades no calçadão, estacionamento da Praça dos Palmares e Shopping popular, ambos localizados no centro da cidade. Por meio desses depoimentos foi possível alicerçar a fundamentação da pesquisa. Durante as visitas relacionamos as observações e os depoimentos com a revisão bibliográfica, buscando constatar os pontos homogêneos que correspondem respectivamente à teoria e a prática.

### 4 ANÁLISES DOS DADOS

O convívio urbano comercial na cidade de Maceió/AL vive momentos de grande aquecimento ocupacional, pois é crescente o número de camelôs nas ruas, muitas vezes informais, esses comerciantes têm sido alvo de grandes discussões e críticas por desenvolverem suas atividades trabalhistas em locais considerados proibidos pela Superintendência Municipal de Controle do Convívio Urbano (SMCCU).

É como afirma a consumidora C1: “Apesar de que eles precisam de um trabalho, atrapalha a passagem devia ter um local específico para deixar o centro livre[...]”.

Fala-se muito em reordenação do comércio como medida necessária para produzir um convívio urbano mais elaborado e organizado. Essa medida está diretamente relacionada aos locais ocupados “ilegalmente” pelos camelôs e toma como solução

apenas a retirada destes dos locais ocupados, porém a questão é pouco problematizada e elege como solução apenas uma simples reordenação ocupacional não relevando o contexto social o qual essa ocupação envolve.

É preciso retomar a discussão apresentada por Castel (1995) que corresponde às pessoas inutilizáveis pela sociedade ou como ele mesmo intitula “os sobrantes” para ampliar a possível problemática “causada” pela ocupação dos camelôs em locais proibidos e assim desvincular uma ideia de reordenação do convívio urbano como única solução.

A questão é que com as exigências do mundo globalizado, desigualdades sociais e uma série de outras questões pertinentes à história de vida desses trabalhadores limitam a sua participação no mercado de trabalho, pois a maioria destes não terminou os estudos, não possui formação profissional, geralmente possui renda insuficiente para resolver suas necessidades, encontrando, então, no comércio de rua, uma saída para conseguir sobreviver em um mundo competitivo que oportuniza apenas pessoas qualificadas, especializadas e com experiência de mercado. Notamos essa realidade na fala de A2 “[...] Essa é a única alternativa para o pão de cada dia, não tenho curso suficiente, não tenho estudo, acredito não ter emprego suficiente”. Assim como, na fala de A3 “[...] Estou desempregada busco essa saída [...]”.

Dessa maneira aqueles que sobram ou que não conseguem acompanhar o ritmo do mercado totalitário “perdem a vez” e ficam desassistidos de qualquer subsídio necessário à sua sobrevivência. Considerando todo esse decurso deve-se admitir a contextualização da problemática “causada” pela ocupação dos camelôs, entendendo que não se trata apenas de reordenar, reabitar e/ou reorganizar, mas sim de fornecer subsídios necessários para o desenvolvimento e aprimoramento de boas condições de trabalho para estes comerciantes.

Esses trabalhadores vivem numa espécie de comunidade comercial, onde se solidarizam um com os outros e possuem em comum as mesmas lutas e o sonho de ser dono do próprio negócio, melhorando de vida. Com relação à convivência entre eles mesmos A4 afirma “Somos unidos para encontrarmos um melhor local no centro”. Já A5 retrata “A convivência com os outros ambulantes é tranquila, cada um tem seu local”.

O trabalho dos ambulantes no centro da cidade implica em uma fiscalização contínua, devido à falta de organização e de compreensão por parte dos mesmos, já que estes não respeitam as regras impostas pelo município. O papel desempenhado pelos fiscais consiste em orientar quando há ocupação dos locais proibidos, no seguinte depoimento de F1 podemos conhecer um pouco da rotina desses trabalhadores

Nosso trabalho é educativo e sempre em conjunto com o da polícia. É um trabalho melindroso, devemos ter cuidado para não fazermos nenhuma inimizade, afirmo ter medo de

alguma violência. Os ambulantes nos respeitam, porém se eles decidirem invadir não temos como os conter sozinhos. Alguns ambulantes chegam até a se esconderem de nós, correndo sempre que nos encontramos.

Já o segundo depoimento diz assim, F2:

Não me sinto a vontade apreendendo as mercadorias dos comerciantes, pois sei que eles vão sofrer na pele, também consigo me sensibilizar com a situação deles. Sinto-me mal, mas é o meu trabalho, até porque sou fiscalizado por um coordenador de área e posso ser multado se não cumprir com as regras. Só abordo os ambulantes no caso deles colocarem as mercadorias no chão, sei que é sua sobrevivência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a maximização do convívio urbano comercial da cidade de Maceió/AL verifica-se que a principal problematização, nesse mesmo convívio, corresponde à ocupação dos camelôs em locais proibidos, o crescimento nesse tipo de trabalho ocorre segundo os resultados da presente pesquisa, pela busca de autonomia e principalmente por falta de oportunidade desses trabalhadores inserirem-se no mercado de trabalho e conseguir um emprego digno de suprir suas necessidades.

Para sobreviver muitos dos “sobrantes” ou pessoas inutilizáveis pelo mercado de trabalho buscam o comércio de rua como principal possibilidade de obter alguma renda para si, para isso é preciso desenvolver suas atividades em centros comerciais, pois lá a procura por mercadoria é grande. A maioria dos camelôs não desenvolve seus trabalhos necessariamente porque querem, mas sim porque precisam, sendo assim, não possuem outra escolha a não ser assumir essa atividade que de grosso modo está ligada a informalidade, corroborando assim para o desencadeamento de possíveis problemas como a obstrução da circulação de pessoas nos centros comerciais e intrigam com os lojistas locais, estes reivindicam a saída dos camelôs dos locais ocupados ilegalmente, uma vez que suas lojas e seus produtos são legais e pagam tributos fiscais.

Ao considerar todo o decurso dessa pesquisa deve-se admitir a contextualização da problemática “causada” pela ocupação dos camelôs, entendendo que não se trata apenas de reordenar, reabitar e/ou reorganizar o convívio urbano, mas sim, trata-se de fornecer subsídios necessários para o desenvolvimento e aprimoramento de boas condições de trabalho para estes comerciantes, assumindo assim o compromisso de promover projetos e acordos assertivos necessários ao bem-estar de todos.

## REFERÊNCIAS

- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COSTA, Sinthya; SONAGLIO, Kerlei. **Análise das representações sociais dos comerciantes ambulantes e suas implicações no planejamento turístico**. Passos, v.12, Rio Grande do Norte, 2014. p.123-136. Disponível em: <[http://www.pasosonline.org/Publicados/12114/PS0114\\_09.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/12114/PS0114_09.pdf)>. Acesso em: 1 set. 2014.
- FUENTES, M. R. **Setor informal e reestruturação produtiva**: uma alternativa de emprego nos anos 90. Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1997. p.357.
- POMPLANA, B. J. **A atividade informal do comércio de rua e a região central de São Paulo**. São Paulo, 2001. p.121. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/diversidade/numero2/caminhos/16Pamplona.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- SALVITTI, A. *et al.* O Trabalho do camelô: Trajetória profissional e cotidiano. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. 1999. p.3. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25816/27548>>, Acesso em: 12 out. 2014.
- SANTOS, Roberto M. D; SANTOS, Amanda M. Poder municipal dos logradouros públicos e os vendedores ambulantes nos municípios brasileiros. **Revista da PGM** – Revista Jurídica da Procuradoria Geral do Município de João Pessoa. 2014. Disponível em: <[http://www.fpb.edu.br/site/images/artigos/direito/PODER\\_DE\\_POL%3%8DCIA\\_MUNICIPAL\\_DOS\\_LOGRADOUROS\\_P%3%9ABLICOS\\_E\\_OS\\_VENDEDORES\\_AMBULANTES.pdf](http://www.fpb.edu.br/site/images/artigos/direito/PODER_DE_POL%3%8DCIA_MUNICIPAL_DOS_LOGRADOUROS_P%3%9ABLICOS_E_OS_VENDEDORES_AMBULANTES.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2014.
- SAWAIA *et al.* **As artimanhas da exclusão social análise psicossocial e ética da desigualdade social**. ed. 2. Petrópolis: Vozes, 2001. p.143.

---

**Recebido em:** 2 de outubro de 2015  
**Avaliado em:** 29 de novembro de 2015  
**Aceito em:** 7 de março de 2016

---

- 
1. Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: marcos\_matos@outlook.com
  2. Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: bia\_cristina8@hotmail.com
  3. Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: ysinha\_roberta@hotmail.com
  4. Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: kelindaal@hotmail.com
  5. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: thalitalima@gmail.com